



**UniCEUB – Centro Universitário de Brasília Faculdade  
de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS**

**FREDERICO DA COSTA QUINTELLA**

**A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA EM  
UM CONTEXTO DE INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA**

**Brasília**

**2008**

Quintella, Frederico da Costa.

A Relação Entre os Estados Unidos e China em um Contexto de Interdependência Complexa: [S.n.], 2008.

60 f.

Trabalho de conclusão de Curso UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. Curso de Relações Internacionais.

1. Teoria das Relações Internacionais;
2. China e Estados Unidos;
3. Interdependência Complexa.

**FREDERICO DA COSTA QUINTELLA**

**A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA EM  
UM CONTEXTO DE INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de bacharelado em Relações Internacionais do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

**Brasília  
2008**

**FREDERICO DA COSTA QUINTELLA**

**A RELAÇÃO ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E CHINA EM  
UM CONTEXTO DE INTERDEPENDÊNCIA COMPLEXA**

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. FREDERICO SEIXAS DIAS

ORIENTADOR

---

Prof<sup>ª</sup>. Silvia Menicucci de Oliveira Selmi Apolinário

Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Aline Maria Thome Arruda

Examinadora

**Brasília**

**2008**

*Dedico esta monografia à todos que me apoiaram desde o início do curso até o momento da conclusão, especialmente a minha família.*

## **AGRADECIMENTO**

*Agradeço à Deus primeiramente, por tudo que tem feito em minha vida.*

*Agradeço a minha Madrinha pelo suporte e oportunidade que a mim foi concedido.*

*Ao meu professor e orientador Frederico Dias.*

*Aos meus colegas de curso, pelo bom humor, companhia e ajudas durante quatro longos anos.*

## RESUMO

O trabalho analisa se as relações dos Estados Unidos com a China poderiam ser classificadas de acordo com a teoria da **Interdependência Complexa** de autoria dos autores Keohane e Nye. No primeiro capítulo é apresentada a teoria da Interdependência Complexa. No segundo capítulo casos, dados históricos, políticos, mostrando as **mudanças nas agendas** dos Estados. No terceiro e último capítulo, a teoria será aplicada aos acontecimentos históricos e políticos.

Palavras-chave: Interdependência Complexa. Mudanças nas Agendas.

## **ABSTRACT**

This work analyses if the relations between United States and China could fit under the Theory of **Complex Interdependence** developed by Keohane and Nye. In the first chapter the theory is presented. in the second chapter historical and political data are compiled in order to show the States's **changing agenda**, and in the third and last chapter the theoretic basis is applied onto the political and historical happenings.

Keywords: Complex Interdependence. Changing Agenda.

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>1 Referencial Teórico.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Interdependência Complexa.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 Conceituando a Interdependência.....</b>	<b>14</b>
<b>1.3 O Poder e a Interdependência.....</b>	<b>16</b>
<b>1.4 Sensibilidade e Vulnerabilidade.....</b>	<b>16</b>
<b>1.5 Canais Múltiplos.....</b>	<b>18</b>
<b>1.6 Relações Transnacionais e Transgovernamentais.....</b>	<b>18</b>
<b>1.7 O Papel das Organizações Internacionais.....</b>	<b>19</b>
<b>1.8 Ausência de Hierarquia entre os assuntos.....</b>	<b>21</b>
<b>1.9 Papel da Força Militar.....</b>	<b>22</b>
<b>2 Histórico e dados dos Estados Unidos e China.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1 China.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1.1 História da China.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1.2 O Desenvolvimento Chinês.....</b>	<b>28</b>
<b>2.1.3 A estratégia de desenvolvimento.....</b>	<b>30</b>
<b>2.1.4 Poderio Militar.....</b>	<b>32</b>
<b>2.1.5 Comércio exterior.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2 Estados Unidos.....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.1 História dos Estados Unidos.....</b>	<b>34</b>
<b>2.2.2 Força Militar.....</b>	<b>37</b>
<b>2.2.3 Comércio Exterior.....</b>	<b>38</b>
<b>2.3 As Relações dos Estados Unidos e China no Cenário Político.....</b>	<b>38</b>
<b>2.3.1 A Questão do Tibet.....</b>	<b>39</b>
<b>2.3.2 Críticas Chinesas aos Estados Unidos.....</b>	<b>40</b>
<b>2.3.3 Protesto Americano Contra a China na OMC.....</b>	<b>42</b>
<b>2.3.4 O Relacionamento Entre Estados Unidos e China.....</b>	<b>42</b>
<b>2.3.5 O Caso do Avião Espião EP-3.....</b>	<b>43</b>

<b>3 Aplicação da Interdependência Complexa às Relações Entre Estados Unidos e China.....</b>	<b>45</b>
<b>3.1 O papel das Instituições no Relacionamento entre Estados Unidos e China.....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 Sensibilidade e Vulnerabilidade.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 Nova Agenda Internacional.....</b>	<b>50</b>
<b>3.4 O Poderio Militar no Meio Internacional.....</b>	<b>52</b>
<b>Conclusão.....</b>	<b>56</b>
<b>Referências.....</b>	<b>59</b>

## Introdução

A relação entre a China e os Estados Unidos é muito importante para a conjuntura política e econômica do mundo atual. A China no oriente é uma potência em grande crescimento. Os Estados Unidos por sua vez é a única superpotência atual, extremamente importante para o cenário internacional.

Deixando de ser uma economia fechada, a China vem conquistando o mercado internacional. Suas políticas de desenvolvimento, mão de obra barata e abundante, incentivos dados pelo governo às empresas, rapidamente a tornou em um foco de investimentos. Seu crescimento econômico supera o de todos os países do oriente e do ocidente, atraindo capital de todo o mundo. Com todos esses fatores a China poderá vir a ser em breve, uma super-potência, fazendo frente aos Estados Unidos.

Os Estados Unidos é o ator de maior projeção no cenário internacional atual. Sua economia gigantesca afeta diretamente toda a economia mundial. O dólar é hoje a moeda de reserva dos Estados, e fonte de segurança monetária. Seu poderio militar é vasto, melhor equipado e detentor da tecnologia bélica mais avançada do mundo. Sem qualquer outra economia que rivalize a sua, os Estados Unidos podem encontrar na China a próxima grande rival ou aliada.

A meta desse ensaio é analisar a relação dos Estados Unidos e China, que acontece desde o ano de 1978 até os mais atuais, procurando examinar o quanto os dois Atores estariam ligados e se sua ligação poderia ser caracterizada como uma Interdependência Complexa segundo a teoria dos autores Keohane e Nye.

Uma pesquisa sobre a relação dos Estados Unidos e China se mostra bastante adequada pois, de uma forma ou de outra esses atores afetam a economia mundial e a vida de todos. Para o meio acadêmico, pode servir como instrumento capaz de ajudar a resolver ou minimizar futuros problemas acarretados por mudanças comportamentais desses atores.

No primeiro capítulo, será abordada, a teoria da Interdependência Complexa dos autores, Robert O. Keohane e Joseph S. Nye, expondo as três principais características encontradas em uma interdependência. Será explicada a função das Instituições e sua influência e papel no relacionamento entre os Estados. Uma rápida

abordagem sobre os múltiplos canais, que surgiram recentemente com o advento do crescimento da tecnologia de comunicação e transportes rápidos. A vulnerabilidade e a sensibilidade de um Estado em relação a uma fonte de consumo e suas implicações. As mudanças das agendas internacionais e o declínio do foco dos Estados em seu poderio militar. Tendo sempre como foco analisar se as ações dos Estados Unidos e China se encaixam em um contexto de Interdependência Complexa.

No segundo capítulo será apresentado um breve resumo da história recente da China e dos Estados Unidos, seus planos econômicos de desenvolvimento, social e militar. Fatores de sua relação no campo econômico, político. Será apresentado também vários casos de conflitos onde instituições fizeram o papel de intermediadoras.

No terceiro capítulo, os conceitos teóricos serão aplicados nos casos e informações dadas nos capítulos anteriores. Vários comentários serão feitos ao longo dos outros capítulos, mas somente nesse as conexões serão, de fato, estabelecidas e analisadas.

Ao final do ensaio espera-se que após a análise da história e dos casos apresentados, seja possível classificar a relação dos Estados Unidos com a China se encaixa no modelo da Interdependência Complexa.

## 1 Referencial Teórico

A relação entre os Estados Unidos e a China é recente. Todavia em poucos anos os dois se tornaram parceiros econômicos internacionais. Essa parceria criou entre eles uma relação complexa e não facilmente explicável.

A visão contida na teoria da Interdependência Complexa dos autores Keohane e Nye talvez seja a que melhor explique a complexidade dessa parceria entre China e Estados Unidos. Sendo uma teoria que abrange vários aspectos contemporâneos, por isso, se mostre a mais adequada.

### 1.1 Interdependência Complexa

Keohane e Nye<sup>1</sup> colocam que vivemos em uma era de interdependência onde a natureza das políticas internacionais estão mudando. Calcular se um Estado é mais poderoso que outro, está mais difícil que nunca. As agendas dos Estados, antes totalmente direcionadas a segurança e acúmulo de poderio militar, estão mudando.

Em um contexto onde os desafios enfrentados são sem dúvida muito mais complexos e velhas soluções não são mais eficazes. Na era da interdependência somente através de esforços conjuntos os novos problemas poderão ser sanados.

As mudanças são profundas. Segundo Keohane e Nye<sup>2</sup>, as telecomunicações uniram o mundo no que ele chama de “vila global”<sup>3</sup>. Essa união propiciou transações econômicas imensas e rápidas. A troca de culturas via pessoal ou digital criou um “mundo sem fronteiras”.

Eles mostram que o poderio militar ainda é importante nas questões internacionais. Keohane e Nye não retiram totalmente seu valor, mas mostram que, com

---

<sup>1</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p. 21.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p 3.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p 3.

os avanços tecnológicos, o aumento dos contatos sociais e econômicos levaram o mundo a tal ponto que, o controle pela força não é mais necessário, bem visto ou eficaz.

Os autores colocam que novas ferramentas devem ser criadas para melhor se explicar e se adequar a um mundo onde a interdependência já é uma realidade. A ressalva seria que nenhum modelo é complexo o suficiente para sozinho, explicar a totalidade da dinâmica realidade.

Para o realismo, a questão da “segurança nacional” é uma bandeira usada para, segundo Keohane e Nye, criar suporte para suas políticas, gerando assim, verba suficiente para promover suas alianças, crescimento de suas forças militares e intervenções.

A segurança nacional se tornou nos Estados Unidos um símbolo que possibilitava o envolvimento cada vez maior em questões internacionais. O presidente em nome da segurança nacional, conseguia controlar vários setores da sociedade e econômicos.

A interdependência tem em seu cerne uma nova maneira de ver os acontecimentos. A questão de segurança nacional se tornou hoje como um guarda-chuva<sup>4</sup>. Nenhum Estado tem como se proteger ou resolver todas as questões sozinho.

Questões como a qualidade do ar no planeta é por si só um fator que nos une, ninguém pode ficar de fora, afeta a todos, isso mostra a mudança de visão.

Todos de alguma forma estão ligados em uma interdependência na qual a sobrevivência depende de mútua cooperação.

Keohane e Nye colocam que, as forças militares, apesar de poderem ajudar de alguma forma, são em seu princípio ineficazes para tratar com essa nova situação, mostrando assim a mudança de paradigma nas relações internacionais.

---

<sup>4</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p. 6.

## 1.2 Conceituando a Interdependência

No senso comum, dependência<sup>5</sup> é o quanto um Estado pode ser afetado de maneira significativa por outro.

A Interdependência<sup>6</sup> de maneira simplista, seria melhor definida por mútua dependência, ou seja, quando os efeitos são recíprocos entre os atores.

Esses efeitos são visualizados através das transações internacionais: monetárias, bens primários, industrializados com valor agregado, bens de capital, pessoas e comunicações que passam fronteiras.

O autor coloca que relações de compra e venda não caracterizam uma relação de interdependência. Qualquer país que compre petróleo por exemplo, pode ser muito dependente do que vende, pois sua economia interna pode ser afetada pela falta do produto.

Por sua vez, o vendedor pode sem problema vender para outro ou reter o produto para mais tarde vendê-lo mais caro. Diferentemente de uma importação de perfume que, apesar do valor agregado ser maior, a economia do comprador como um todo, não seria afetada caso o fornecedor parasse de vender.

A Interdependência também não é uma questão somente de bens materiais. Abrangendo um vasto campo, indo desde recursos humanos, troca de tecnologia a parcerias com vários intuitos.

Keohane e Nye fazem uma ressalva<sup>7</sup>, que o termo interdependência não pode ser limitado somente a situações onde todos os envolvidos tem benefícios, exemplificada pelas relações entre países industrializados e países em desenvolvimento.

---

<sup>5</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p 7-8.

<sup>6</sup> Ibidem, p 8.

<sup>7</sup> Ibidem. p 8.

Muitos fatores tem de ser medidos cuidadosamente para se poder chegar a uma conclusão, se os dois estão tendo benefícios mútuos.

Na concepção dos autores, interdependência sempre, de alguma forma, terá custos, e restringirá a autonomia dos envolvidos, e com isso é muito difícil identificar de imediato o quanto os benefícios excedem os custos.

Para medir os ganhos e perdas os autores propõem o seguinte: tem de ser medidos os ganhos conjuntos ou perdas conjuntas das partes envolvidas. Devem ser medidos os ganhos conjuntos e ganhos relativos.

Os economistas clássicos preferem adotar a primeira abordagem. Segundo os autores, ela é ligada às vantagens comparativas<sup>8</sup>. Os autores mostram que o problema nesses casos é diretamente ligado a questão da distribuição do ganho, fator que por si só, já é um gerador de conflito.

A diferença entre as políticas tradicionais e as ecologicamente interdependentes e que elas não são baseadas no jogo de soma zero. As mudanças das agendas mundiais hoje nos mostra que, em questões ecológicas, por exemplo, não tem como alguém sempre ganhar e outro sempre perder. Em uma interdependência todos devem ceder para o bem comum. Todavia os Estados Unidos não têm cedido aos pedidos mundiais para sua adesão em tratados internacionais sobre meio ambiente.

Os autores<sup>9</sup> colocam que a interdependência não deve ser entendida em termos de situações eventuais que exigem a união dos Estados ou em uniões assimétricas, ou tentativas de usar a interdependência como poder de barganha. O outro extremo seria considerá-la como uma situação de pura simetria.

---

<sup>8</sup> Teoria desenvolvida pelo inglês David Ricardo em 1917, tinha como base que; o comércio seria vantajoso caso os parceiros comerciais pudessem produzir algo com o custo mais baixo que o outro. Ou seja produzir mais e mais barato que o parceiro. Assim a especialização e a divisão internacional do serviço seriam proveitosas para todos.

<sup>9</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989.

### 1.3 O Poder e a Interdependência

A visão tradicional do poder era ligada diretamente a força militar<sup>10</sup>, à qual dominaria sobre todas as outras. Como são controladas pelos Estados, esses dominariam sobre os assuntos mundiais.

Hoje as fontes de produção de poder se tornaram mais complexas, os autores<sup>11</sup> colocam que no pós guerra as relações entre a política, os militares e a economia aumentaram muito. Estados que são militarmente fracos se mostraram fortes ao centralizar matérias primas essenciais para o desenvolvimento de suas economias.

Poder<sup>12</sup>, segundo os autores, é a capacidade de forçar outros a fazer algo que ele normalmente não faria. Nesse caso, a interdependência seria uma fonte de poder para se controlar recursos. Entretanto, além das novas formas de poder apresentadas pelos autores Keohane e Nye, os Estados Unidos ainda têm usado seu poderio militar como uma forte fonte de influência.

### 1.4 Sensibilidade e Vulnerabilidade

Para se entender as regras do poder na interdependência, deve ser explicada a diferença entre sensibilidade e vulnerabilidade.

A sensibilidade diz respeito ao grau de resposta a uma política: quão rápido um país traz mudanças custosas aos outros e quão grandes são esses custos.

Segundo os autores<sup>13</sup>, o Estado sensível apresentaria problemas em se adaptar rapidamente, usando novas políticas, e ainda que a sensibilidade não é inerente

---

<sup>10</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p 9-11.

<sup>11</sup> *Ibidem*. p 9-11.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p 9-10.

<sup>13</sup> *Ibidem*. P 10-11.

somente a países em desenvolvimento ou nações pobres, mas pode afetar também as desenvolvidas

As crises do petróleo em 1971 e de novo em 1973-1974 e 1975, muitos países em desenvolvimento foram afetados. Os Estados Unidos como todos os envolvidos na crise, sofreram danos econômicos, mas pequenos, comparado-se a outros países. Suas importações eram pequenas em relação a vários países, e além disso, tinham uma grande reserva de petróleo. Esses fatores facilitaram uma rápida resposta americana à crise minimizando os danos.

Gilberto Sarfati aponta que os meios de comunicação<sup>14</sup> também podem servir de exemplo. As redes de televisão, internet dentre outros, podem servir como formadores de opiniões. Levando a população a forçar uma mudança de atitude de seus governantes. As filmagens dos caixões dos militares americanos, na guerra do Iraque, causaram uma comoção geral da nação em prol do término do conflito.

A vulnerabilidade<sup>15</sup> diz respeito as alternativas que um Estado pode lançar mão para se desvencilhar de uma situação de crise e os custos envolvidos.

Segundo Keohane e Nye, a vulnerabilidade é mais relevante que a sensibilidade. No caso onde dois países importam petróleo em quantidades exatamente iguais, os dois seriam sensíveis ao aumento dos preços ou a falta do produto.

Para se defender, o Brasil depois das crises da década de 1970 começou um programa para desenvolvimento de combustíveis alternativos como o álcool combustível e exploração de jazidas marítimas em alta profundidade, diminuindo assim sua vulnerabilidade.

Os autores colocam que estratégias para manipular a interdependência podem acarretar em contra estratégias e adverte que a economia não é o único fator na interdependência. Os autores deixam claro que intervenção militar séria pode anular toda a força econômica, mesmo que temporariamente.

---

<sup>14</sup> SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 165.

<sup>15</sup> *Ibidem*. p 13.

A interdependência sensível é menos importante em prover recursos de poder para os atores que a interdependência vulnerável. Os atores em um caso de interdependência vulnerável podem mudar sua políticas externas ou internas para melhor se adequar e reagir.

No caso dos Estados Unidos e China, a retirada das empresas americanas da China poderia afetar sua economia, mas ela se mostraria sensível ou vulnerável? E os Estados Unidos, como sua economia interna responderia ao cessar das importações de produtos de consumo chineses?

A interdependência complexa pode ser analisada através das três características apresentadas pelos autores<sup>16</sup>.

### **1.5 Canais Múltiplos**

Os autores<sup>17</sup> mostram um exemplo bem simples<sup>18</sup> para perceber a questão dos canais múltiplos e o que eles representam. Ao visitar um aeroporto de uma grande capital, será possível ver, empresários de todo o mundo indo e vindo de seus países.

As relações entre elites, sejam governamentais, não-governamentais ou transnacionais mostram que canais são mais caracterizados contemporaneamente pelo maior contato entre indivíduos. Especificamente em relações onde empresas ou bancos que afetam não somente suas economias internas mas que poderiam vir a afetar também a interdependência entre os Estados.

### **1.6 Relações Transnacionais e Transgovernamentais**

Keohane e Nye colocam que, os múltiplos canais de contato entre as sociedades não reconhecem fronteiras. Não distinguindo entre política doméstica ou

---

<sup>16</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p 21-25

<sup>17</sup> Ibidem.

<sup>18</sup> Ibidem, p.22

exterior, as relações entre empresas transnacionais e Estados podem aumentar ou diminuir o poder do último.

Segundo os autores<sup>19</sup>, caso um Estado consiga atrair para ele, capital, seja por meio de incentivos, mão de obra barata ou políticas econômicas, ele estará ganhando. Todavia se não conseguir estará perdendo e terá um decréscimo de poder.

Nesse cenário, as empresas transnacionais podem se tornar instrumentos<sup>20</sup> dos Estados, servindo-os como meio de promoção de seus interesses internos. Para se desenvolver, a China usou esse fator, abrindo suas portas para a entrada de empresas, e assim, atraindo capital.

Segundo os autores os múltiplos canais da interdependência complexa não são limitados aos atores transnacionais. Os Estados também podem se unir em torno de algum assunto específico para formarem uma coalizão.

### **1.7 O Papel das Organizações Internacionais**

Os autores seguem dizendo que segundo Hans J. Morgenthau, em um mundo onde os Estados só agem baseados em seus interesses egoístas e lutam sempre para obter “poder e paz”<sup>21</sup>.

Nesse cenário os assuntos sobre segurança seriam dominantes e as instituições teriam um valor mínimo. Seu caráter seria periférico nas relações internacionais. Todavia em um mundo onde os assuntos são isentos de qualquer hierarquia, o poder das instituições internacionais seria enorme, intermediando as relações entre Estados.

Para compreender o mundo contemporâneo temos que pensá-lo em termos de descentralização e institucionalização, segundo Keohane e Nye.

---

<sup>19</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989.

<sup>20</sup> SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p 167.

<sup>21</sup> KEOHANE, NYE, op. Cit., p. 30.

Ele coloca que a institucionalização<sup>22</sup> são regras, normas, convenções e o reconhecimento da diplomacia. Tendo como sua hipótese básica que a capacidade dos Estados em interagir de forma benigna, cooperando e comunicando dependeria das instituições.

Keohane e Nye definem as instituições como conjuntos de regras, sejam formais ou informais que preordenam os comportamentos, policiam as atividades e demarcam as expectativas, podendo dividi-las em: não-governamentais, inter-governamentais ou organizações não governamentais internacionais, existem as organizações criadas pelos Estados para atingirem propósitos específicos, tendo regras e sua burocracia própria, por exemplo, a instituição inter-governamental, a Organização das Nações Unidas, (ONU). Temos também as Organizações Internacionais não Governamentais, (OINGs) que seguem as mesmas especificações mas, não são controladas por nenhum governo.

A segunda, regimes internacionais, que são instituições com regras acordadas entre governos, tendo em vista um determinado assunto, por exemplo, o regime monetário organizado em Brettons Woods<sup>23</sup> em 1944.

Por último, as convenções, que são instituições informais que nascem espontaneamente, por exemplo, a imunidade diplomática e a reciprocidade dos Estados.

Keohane e Nye mostram que as Organizações Internacionais ajudam os Estados na criação das novas agendas internacionais, proporcionando um ambiente de alguma forma seguro e estruturado, onde os Estados podem formar coalizões.

As organizações internacionais servem também, segundo os autores, para serem intermediadoras entre os Estados mais fracos e os mais fortes. E ajudam os Estados a prever as ações dos outros.

---

<sup>22</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p 17.

<sup>23</sup> Acontecida na cidade de Bretton Woods em 1944, uma conferência para estabelecer regras para as relações comerciais e financeiras entre os países mais industrializados do mundo. O sistema Bretton Woods foi o primeiro exemplo de uma ordem monetária totalmente negociada, tendo como objetivo governar as relações monetárias entre Nações-Estado independentes.

Os autores fazem uma ressalva<sup>24</sup> contra a idéia que as organizações internacionais sejam a resposta perfeita para todos os problemas da humanidade. Todavia que, quanto maior for a interdependência entre os Estados os fóruns internacionais, se tornariam mais importantes na confecção das agendas e das barganhas entre os Estados.

As Instituições sem dúvida fazem parte da relação entre Estados Unidos e China. A OMC, instituição a qual os dois fazem parte, regula várias relações comerciais dos dois. A ONU por sua vez, tem servido de intermediadora em vários assuntos.

### **1.8 Ausência de Hierarquia entre os assuntos**

Keohane e Nye afirmam<sup>25</sup> que as agendas dos Estados mudaram tendo se tornado maior e mais intrincada<sup>26</sup> e não são mais subordinadas a segurança militar. Eles colocam que a partir de 1975<sup>27</sup> novos problemas e assuntos surgiram, os quais eram sem precedentes.

Em uma era de interdependência os objetivos dos Estados variam conforme o contexto a que estão diretamente inseridos. Por conseguinte, seus objetivos irão variar, assim como a distribuição de poder em seus interesses. Por exemplo<sup>28</sup>, o assunto sobre segurança territorial pode ser o principal foco para uma nação constantemente ameaçada por seu vizinhos, tal como Israel.

Os Estados podem transferir poder entre as diversas áreas. De acordo com os autores Keohane e Nye, em uma interdependência vários fatores devem ser medidos, por exemplo, políticas econômicas que, pelas grandes implicações políticas, devem ser levadas em conta, pois, afetam diretamente os Estados domesticamente, e em um plano macro podem afetar as relações entre Estados.

---

<sup>24</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p.30-31.

<sup>25</sup> Ibidem, p.22.

<sup>26</sup> Ibidem. p.22-23. Todas as citações literais desta obra, são livre tradução do autor.

<sup>27</sup> Ibidem, p.23.

<sup>28</sup> SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p 166.

Os Estados em uma era de interdependência devem sempre levar em conta os objetivos dos outros. O motivo seria se evitar se envolverem em conflitos de qualquer natureza.

Os autores colocam que sobre uma interdependência complexa é esperado que as agendas possam ser afetadas por problemas, domésticos ou internacionais. Situação que poderia gerar descontentamento em certos grupos, que por sua vez, podem se mobilizar de maneira doméstica para negociar ou abrir debates sobre o tema.

Keohane e Nye mostram que esses efeitos criam o ambiente para que os Estados e os atores transnacionais possam criar suas próprias agendas internacionais.

Os Estados Unidos, apesar de ter uma política fortemente focada em sua economia, a questão sobre segurança ainda é muito forte. A China tem uma política fortemente focada em sua economia e desenvolvimento, mas, tem aumentado seus gastos na área militar.

### **1.9 Papel da Força Militar**

Os autores mostram<sup>29</sup> que ao contrário do que a escola realista apregoava, os países militarmente fortes, hoje, podem ter problemas quando precisarem transferir seu poder para outras áreas. Um exemplo<sup>30</sup> seria os Estados Unidos que hoje são a maior potência militar do mundo, mas não conseguiram impor sua vontade nos resultados das negociações do Protocolo de Kyoto, e ainda mais tarde não impediram a ratificação feita por vários países.

Keohane e Nye colocam<sup>31</sup> que, um Estado que tenha um poderio militar enorme pode sim invadir outro e prevalecer. Nesse caso um dilema é proposto pelos autores. A força militar de um país é dependente de sua situação econômica e capacidade de produção de diversos recursos essenciais.

---

<sup>29</sup>KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989., p 26.

<sup>30</sup>SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p 166.

<sup>31</sup>KEOHANE, NYE, op. cit., p.23.

Eles seguem mostrando que entre países industrializados a sensação de segurança é grande, normalmente levando a uma diminuição considerável de compra e produção de armas e a deixar de lado políticas de agressão armadas como meio de negociação. Apesar disso, os Estados Unidos e a China vem gastando cada vez mais em armamentos.

A força<sup>32</sup> não é mais um recurso eficiente para tratar dos novos assuntos que envolvem as relações entre os Estados. Meios políticos como a barganha se tornam cada vez mais eficiente em um mundo onde as disputas<sup>33</sup> ecológicas e econômicas se tornam tão importantes.

A Interdependência complexa seria um aumento da integração dos vários atores de um sistema internacional onde as agendas dos Estados são cada vez mais diversas. Um mundo onde a hierarquia de assunto passou da questão única da política militar vindo a ter várias novas facetas.

Tendo em vista as rápidas mudanças mundiais, e o encurtamento das distâncias via tecnologia, a teoria sobre a Interdependência vem ao encontro da situação atual. O rápido desenvolvimento econômico mundial acarretou em troca de costumes, informações e tecnologia dentre outros. Esse é o contexto que os autores mostram, uma mudança no pensar e agir, tanto dos Estados quanto dos indivíduos. E é inserido nesse contexto que os Estados Unidos e China estão, um contexto de mudanças, onde os Estados tendem a interagir de forma mais profunda.

---

<sup>32</sup>KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989., p 24.

<sup>33</sup>SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p 166.

## **2 Histórico e dados das relações Sino-americanas.**

Com a rápida mudança do cenário mundial, a China e os Estados Unidos, também tem mudado suas políticas e se adaptado ao novo momento. Em pouco tempo, os dois se tornaram parceiros comerciais, e suas economias vem se mesclando cada vez mais. É nesse cenário que o conceito de interdependência complexa pode vir a ser uma forma de explicação para a interação desses dois atores.

Para uma maior percepção das relações entre os Estados Unidos e a China, há necessidade de uma apresentação básica da história e de seu desenvolvimento econômico. O relato de vários acontecimentos em que esses dois atores se envolveram, sejam conflitantes ou não, e que de alguma forma são importantes para ilustrar os vários níveis de interatividade entre eles.

A China, por ser um ator emergente no meio internacional econômico, mereceu uma dissertação mais elaborada sobre seus planos de desenvolvimento econômico, para que um entendimento de suas ações pudesse ser melhor observada.

### **2.1 China**

A China recentemente abriu suas fronteiras e nesse pouco tempo alcançou um enorme crescimento. Sua economia que á pouco tempo não era importante no cenário mundial, hoje já é uma das maiores. Seu desenvolvimento interno foi imenso, apesar de suas grandes disparidades sociais. Sua área bélica tem tido grandes investimentos. Sua influência política tem permeado o mundo atual das relações internacionais.

#### **2.1.1 História da China**

O crescimento econômico Chinês tomou grandes proporções a partir de 1980, durando dez anos, sustentando altas taxas de 9.5% a.a, crescimento esse, muito

superior a todo leste asiático, atingindo em 1995 altíssimas taxas de 10,2% a.a.<sup>34</sup>, mostrando assim um crescimento único em todo o mundo.

De 1978 a 1991, o crescimento do PIB foi liderado pelo setor industrial. Todavia tal fato só foi confirmado mais tarde, pois o mais importante desenvolvimento na China, ocorreu entre os anos 80 a 83, com o enorme crescimento do setor primário. A partir de 1983 até 1988, a indústria voltada para a produção de bens de consumo, tomou a frente e liderou o crescimento, se tornando líder entre as taxas<sup>35</sup>.

Com a elevação das taxas de crescimento, uma mudança nos padrões de consumo foi sentida. Em 1978 os principais bens duráveis, consumidos pelo público em geral, eram máquinas de costura, relógios, bicicletas e rádios. O crescimento da produção desses bens foi moderado de 1978 a 1984.

Entre 1978 a 1990, foram introduzidos novos bens de consumo, dentre eles televisões, geladeiras, gravadores, máquinas de lavar dentre outros, ocasião em que registraram taxas de crescimento extraordinárias.

O investimento bruto ao longo da década de 80, foi acima de 35% do PIB, com maior crescimento a partir de 1985, quando chegou a ter, por um período de 3 anos, taxas de 40% da renda total, tendo como os principais responsáveis as empresas estatais que participaram com mais de 65% de todos os investimentos realizados. Os investimentos eram direcionados para a expansão da capacidade produtiva industrial, e para o crescimento da oferta e distribuição de energia elétrica, sendo<sup>36</sup> que 20% foi feito por empresas privadas e 15% por empresas comunitárias.

Segundo o autor, Carlos Aguiar, a exportação foi o componente de demanda efetiva que teve o maior dinamismo nos últimos quinze anos. O crescimento foi de

---

<sup>34</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, n°3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 95.

<sup>35</sup> Ibidem, 95.

<sup>36</sup> Ibidem, 96.

17% a.a, resultado que elevaria a parcela das exportações chinesas, no âmbito mundial, de 0,75% em 1978, para 3,0% em 1995<sup>37</sup>.

O crescimento da exportação aumentou a porcentagem de participação do setor no PIB de 10% em 1978, para 17%, em 1984 e finalmente chegando a 44% em 1995. As exportações chinesas em 1985 chegaram a 27,4 bilhões de dólares, e em 1995, e apenas 10 anos depois, chegaram a 148,8 bilhões de dólares.

Em 1982, Hong-Kong era o maior alvo das exportações chinesas, somando 32% e chegando a 60% em 1992. O volume de 26,2% das exportações chinesas registradas em 1985, foram para Hong-Kong, chegando a 45% em 1992. O valor total exportados pela China<sup>38</sup> foi de US\$ 80 bilhões.

Os principais parceiros comerciais da China em 1995 foram Hong Kong, Japão, Estados Unidos, Formosa, Coreia do Sul e Alemanha. Segundo o autor,<sup>39</sup> baseado em estatísticas americanas, o déficit dos Estados Unidos com a China em 1995, foi de US\$ 33,8 bilhões. Rapidamente os Estados Unidos se tornaram, logo após Hong-Kong, o maior mercado para as exportações chinesas. Em contrapartida a China é o mercado de maior crescimento para as exportações americanas, basicamente composta de grãos, produtos químicos, maquinário e aviões.

O autor coloca que a reforma mais visível das mudanças estruturais chinesas foram os investimentos diretos que ocorreram nos anos 90 e 91. O Investimento Direto Estrangeiro ficou abaixo de 1% do PIB, tendo seu principal crescimento a partir desse mesmo ano. O principal fator de arrecadação de divisas internacionais entre 1978 e 1995, foram as exportações, responsáveis por 77% da arrecadação em 1988 e 81% em 1990. A segunda maior fonte de arrecadação, nos anos 80, foram os empréstimos bancários e credores oficiais e, somente em 1991 o investimento direto tomou essa posição.

---

<sup>37</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, nº3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 96.

<sup>38</sup> Ibidem. 96

<sup>39</sup> Ibidem. 96

O ingresso de investimentos diretos estrangeiros superaram em dez vezes o ingresso de empréstimos comerciais. Mais tarde, em 1995, os investimentos diretos estrangeiros atingiram 5% do PIB. Até esse momento os investimentos eram totalmente direcionados a setores voltados ao comércio exterior, tendo sua maior parte destinada a Guandong<sup>40</sup>.

Em 1995 os investimentos diretos estrangeiros começaram a ser direcionados ao aumento da capacidade de produção destinada ao mercado interno chinês<sup>41</sup>. Esse investimento se deu através de Joint-Ventures, sendo os maiores investidores, Hong-Kong, Japão e Estados Unidos.

O processo de industrialização da China foi seguido de mudanças estruturais e urbanização. Nos anos 60 a quantidade de trabalhadores da zona rural e agrícolas eram praticamente iguais, em um total de aproximadamente 80%. A partir de 1974 até 1980, a quantidade de trabalhadores agrícolas caiu consideravelmente rápido, em relação a força de trabalho rural sobre o emprego total. Em 1994 a relação era de 54,3%, depois de 72,6%<sup>42</sup>. Essa distância deveu-se a urbanização dos campos, com forte crescimento de empregos em empresas, nas vilas e municípios. O crescimento da população urbana foi imenso, pulando de 17,9 da população em 1978, para 26,4% em 1990.<sup>43</sup>

A distribuição, bem como a diminuição de renda na China foi enorme na década de 80. A incidência da pobreza caiu consideravelmente entre o período de 1978 a 1985, tendo como aspecto central o crescimento agrícola e o da indústria rural. Como resultado, o crescimento da renda per capita dos ruralistas foi de 9,6% a.a, de 1980 a 1988, contra 6,3% dos residentes urbanos.

Segundo o autor, depois da segunda metade da década de 80, os mecanismos outrora usados deixaram de atuar, mas os índices de incidência de pobreza não variaram. Carlos Aguiar, segue afirmando que, apesar dos poucos dados atuais disponíveis, pode-se afirmar que as rápidas transformações tem acarretado, em

---

<sup>40</sup> Fronteira com Hong Kong.

<sup>41</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, nº3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 97.

<sup>42</sup> Ibidem, 97.

<sup>43</sup> Ibidem, 98.

acumulação pessoal de renda, tanto nas áreas rurais quanto urbanas. Todavia a migração freqüente da área rural para a urbana tem propiciado cada vez mais espaço para os trabalhadores rurais e aumentado seus rendimentos.

### **2.1.2 O Desenvolvimento Chinês**

Segundo o autor, a estratégia chinesa para o desenvolvimento foi formada a partir do desfecho do confronto entre Estados Unidos e a ex-URSS. Para melhor entendimento, esse período deveria ser dividido em duas etapas. A primeira com a volta das relações diplomáticas entre eles, em 1979<sup>44</sup> a 1991, e com a extinção da ex-URSS. O movimento principal, por parte dos Estados Unidos, foi a abertura do mercado ocidental para as exportações chinesas. A segunda fica compreendida entre 1991 aos dias atuais.

Em 1972 o embargo comercial contra a China chega ao fim. Foi aberto a mesma o acesso ao crédito internacional. Com esses fatores em conjunto, a China pôde voltar a exportar grãos para os Estados Unidos, de forma maciça, primeiramente, mas interrompida depois<sup>45</sup>. O comércio entre eles cresceu rapidamente entre, 1978 a 1979. Nesse contexto os Estados Unidos se afirmaram como os maiores parceiros comerciais da China, logo atrás do Japão e Hong-Kong.

No ano de 1980, os Estados Unidos concedem à China o tratamento de Nação Mais Favorecida (MFN) e a mesma se torna “nação em desenvolvimento”. Na prática isso garantia certos privilégios tais como, redução de 50% de tarifas americanas sobre têxteis e vestuários chineses. Em pouco tempo a China se tornaria o maior exportador de têxteis para os Estados Unidos.

Como resultado do forte crescimento das exportações e acesso ao crédito, o governo Chinês teve a chance de implementar um programa de importações de bens de

---

<sup>44</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, nº3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 98.

<sup>45</sup> *Ibidem*, 100.

capital para a modernização da indústria pesada. Contudo o governo chinês tomou os devidos cuidados para não prejudicar a indústria leve de consumo e sua agricultura<sup>46</sup>.

A China se beneficiou nos anos 80, com a valorização do dólar e a desvalorização do iene. As moedas asiáticas ficaram muito valorizadas, o que prejudicou as exportações de países como o Japão, principalmente para os Estados Unidos. Com o encarecimento do custo de produção, a China com seus baixos custos e cambio desvalorizado, se tornou muito atraente para ser alvo de deslocamento de capital de Hong-Kong, Formosa e Japão.

Em 1989 as relações entre a China e Estados Unidos sofreram um revés. Os Estados Unidos bloquearam os pedidos chineses de empréstimo no Banco de Desenvolvimento Asiático por muitos anos. A alegação foi baseada em desrespeitos por parte da China aos direitos humanos. Seis anos depois, em 1995, o Japão suspendeu a concessão de auxílio à China.

Desde que foi aprovado e concedido pelos Estados Unidos à China o tratamento de nação favorecida (MFN) em 1980, o mesmo era renovado automaticamente, porém a partir de 1990, a renovação foi se tornando uma questão política, cada vez mais complexa.

A China, desde os anos 90, é o segundo<sup>47</sup> maior Estado em captação de investimento direto estrangeiro, décimo lugar em termos comerciais e o quarto maior em reservas internacionais. O dinamismo da economia Chinesa e sua alta capacidade de atrair capital, a torna um alvo enorme e muito atrativo para todos, essa é sua política de “abrir as portas.”

---

<sup>46</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, nº3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 100.

<sup>47</sup> *Ibidem*, 102.

### 2.1.3 A estratégia de desenvolvimento

A estratégia de desenvolvimento chinesa, pensada no final da década de 70, estava diretamente relacionada com a reunificação do território e da luta contra o “hegemonismo”, sendo o alvo principal na época a ex-URSS<sup>48</sup>.

Sobrepor os interesses políticos sobre os econômicos, no caso chinês, era importante por duas principais razões: a primeira, era colocar o desenvolvimento chinês no ambiente geral das industrializações tardias, e a segunda, era entender a racionalidade da política de “portas abertas” e também a criação de zonas costeiras, com caráter econômico especial, para atrair capitais de Hong Kong e Formosa. Eram essas as estratégias formuladas por Deng Xiao Ping, no começo dos anos 80, estratégias estas que foram apresentadas a Inglaterra, em meio as negociações sobre a incorporação de Hong-kong.

Para essa estratégia ser realizada, uma aceleração do crescimento econômico e industrial deveriam ser alcançados. Para isso a China adotou uma forma inédita com várias políticas baseadas em sua história e em experiências internacionais; aplicando uma ampla reforma na forma de utilizar a terra, de forma parecida a proposta por Lênin, a Nova Política Econômica (NEP)<sup>49</sup> e um agressivo programa de promoção a exportação e proteção do mercado interno<sup>50</sup>, formação de empresas estatais, com autonomia, mas subordinadas ao planejamento central, reforma das empresas estatais e adequamento entre o plano e o mercado, criação de incentivos e responsabilidades, transição de preços controlados para um sistema misto onde eles seriam regulados, controlados e de mercado.

Os investimentos e o crescimento da produção agrícola que aconteceram nos anos 80, foram os fatores predominantes para o aumento da taxa de crescimento. A medida que a produtividade agrícola aumentava gerava divisas, o que proporcionou a

---

<sup>48</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, n°3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 103

<sup>49</sup> Ibidem, 104.

<sup>50</sup> Ibidem, 104.

compra de maquinário e equipamentos, fazendo crescer a indústria chinesa, de modo altamente acelerado.

A balança de pagamentos da China, situada entre 1978 a 1985, registraram um superávit instável, assim como a balança de transações correntes. A conta de capitais teve crescentes investimentos estrangeiros e financiamento. Todavia em 1985 a balança comercial registrou US\$11 bilhões de déficit, essa mudança pode ser explicada através das importações de bens de capital e intermediários .

Essa aceleração nos investimentos precisava ser transformada. Na metade da década de 80 medidas foram tomadas. Primeiramente a diminuição da compra de produtos alimentícios, bens intermediários como o aço, e bens de consumo. Houve um processo de substituição de importações<sup>51</sup>, e em contra partida a indústria leve de têxteis teve forte crescimento em exportações, mas mesmo assim, até 1990 o déficit continuou e só foi sanado na década de 90 onde os investimentos internacionais aumentaram muito, aumentando seu saldo na balança comercial.

A política chinesa é caracterizada pelo plano de desenvolver seu mercado interno e por promover exportações. O regime de promoção de exportações que foi estabelecido com as Zonas Econômicas Especiais, que é baseado no processamento de importações com as empresa locais. estas por sua vez contratadas por empresas estrangeiras ou empresas com alguma participação estrangeira com autonomia para exportar<sup>52</sup>.

Todas as empresas que se vinculam a Zonas Econômicas Especiais têm liberdade cambial e isenção de impostos. Essa é uma forma de atrair divisas e investimentos. Já as empresas que não se encontram vinculadas a Zonas Econômicas Especiais, são subordinadas a política chinesa que é protecionista e direcionada a proteção do mercado interno e exportação.

---

<sup>51</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *Economia e Política do Desenvolvimento recente na China*. Revista de Economia Política, vol. 19, n°3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <www.iea.usp.br>. Acesso em: 15 Ago. 2008. p 107.

<sup>52</sup> *Ibidem*, 107.

Entre 1979-2002, a média de crescimento chinês foi de 9,3% a.a. A crise asiática afetou, de maneira leve a China, a qual recuperou-se rapidamente alcançando novamente altas taxas de desenvolvimento, tendo em média 7,8% de crescimento no período de 1998 a 2002<sup>53</sup>. A principal explicação para que se mantivesse as altas taxas de crescimento é a grande entrada de investimentos estrangeiros, que tem sido de 34% do PIB desde 1984, tendo seu maior pico acontecido em 1993 e chegando-se a 43,5%.

Os investimentos, em grande parte, tem sido financiados pela emissão de títulos públicos e com isso a dívida interna tem aumentado rapidamente, mas ainda é pequena em relação a outros países.

A China possui uma reserva enorme que somaram US\$ 286,4 bilhões em 2002, e em 2003 estas alcançaram US\$ 432,0 bilhões<sup>54</sup>. Por esta razão e por possuir uma baixíssima relação entre dívida externa e exportações e baixa dívida externa em relação ao PIB, a China tem indicadores bem positivos.

O sistema bancário chinês tem sido apontado como o maior problema da China. Apesar das medidas que vem sendo tomadas, o sistema bancário chinês é considerado altamente vulnerável, por causa dos “créditos duvidosos”, que são estimados por alguns, como créditos não recuperáveis, flutuando entre 24% a 40%<sup>55</sup>.

#### **2.1.4 Poderio Militar**

O crescimento econômico e político chinês, tem sido a alavanca para o crescimento armamentista. A China pretende, segundo fontes oficiais, empregar 49,5 bilhões de dólares nas suas forças armadas<sup>56</sup>. Segundo o governo americano essa quantia seria de 90 bilhões de dólares<sup>57</sup>.

---

<sup>53</sup> BNDES. *Base de Dados*. <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em 20 set. 2008.

<sup>54</sup> *Ibidem*.

<sup>55</sup> *Ibidem*.

<sup>56</sup> BBC BRASIL.COM. *Base de Dados*. <<http://www.bbc.co.uk>>. Acesso em: 15 out. 2008.

<sup>57</sup> LIMA, Carolina Andressa. *Rumsfield Chega à China e Faz Alerta Quanto a Sua Expansão Militar*. Disponível em: <<http://www.puc.br>>. Acesso em: 18 set. 2008. p 2.

Outro fator é o plano da China em desenvolver mísseis nucleares, capazes de atingir o território americano<sup>58</sup>. A China também vem desenvolvendo submarinos nucleares,<sup>59</sup> cujo mísseis teriam o alcance de 8 mil quilômetros e cada submarino teria 12 desses.

Caso as informações do Estados Unidos estejam corretas quanto ao gasto chinês com armamento ela seria o país<sup>60</sup> que mais gasta em armamentos do mundo, sendo superada somente pelos Estados Unidos com 711 bilhões e a Europa com 289 bilhões<sup>61</sup>.

### 2.1.5 Comércio exterior

Em 2003, as exportações chinesas chegaram a US\$ 438 bilhões, e as importações US\$ 413 bilhões. Suas exportações, dentre o período de 1995 a 2003, cresceram 195% e as importações 213%. Esses fatores foram acelerados devido a reformas no comércio exterior e o ingresso do país na Organização Mundial de Comércio, OMC, em dezembro de 2001.

A China é o maior importador mundial de soja e derivados, e o segundo maior em importação de minério de ferro e aço. Seu PIB em 2006, era de 2,2 trilhões de dólares fazendo com que a China se tornasse a quarta maior economia do mundo, representando 13% da economia mundial.

Devido as mudanças das leis trabalhistas e a valorização do yuan, a China hoje corre um sério risco, pois sua produção tornou-se mais cara<sup>62</sup>. As empresas tem procurado novos nichos para diminuir seus custos de produção, sendo seu principal alvo o Vietnã.

---

<sup>58</sup> BBC BRASIL.COM. *Base de Dados*. < <http://www.bbc.co.uk> >. Acesso em: 15 out. 2008

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> LIMA, Carolina Andressa. *Rumsfield Chega à China e Faz Alerta Quanto a Sua Expansão Militar*. Disponível em: < <http://www.puc.br> >. Acesso em: 18 set. 2008. p 2.

<sup>61</sup> Global Issues. *Base de Dados*. < <http://www.globalissues.org> >. Acesso em: 31 out. 2008.

<sup>62</sup> BBC BRASIL.COM op. cit.

## 2.2 Estados Unidos

Os Estados Unidos hoje são o país mais rico e influente do mundo. Desde o término da Guerra-Fria são considerados a única superpotência mundial. Seu sistema monetário é referência para todos os Estados. Seu poderio bélico é o maior do mundo. Sendo assim, no cenário atual é considerado o país mais importante hoje.

### 2.2.1 História dos Estados Unidos

O autor<sup>63</sup> coloca que os Estados Unidos são a principal força para o crescimento da economia mundial e um pilar do sistema internacional. Na questão econômica, os Estados Unidos são um gigante, pois hoje o PIB americano representa sozinho 25%<sup>64</sup> da economia mundial. Os Estados Unidos tem a maior capacidade bélica do mundo. O autor afirma que a posição dos Estados Unidos desde 1945 e especialmente em 1971, tem dois pilares, o militar e o dólar como moeda de reserva mundial..

Após a 2º Guerra, os Estados Unidos eram o país com a maior reserva de ouro. Suas indústrias estavam desenvolvidas e com muito capital. Durante a guerra fria, os Estados Unidos para conter ou impedir o avanço do comunismo ajudavam seus aliados, dentre os quais a Alemanha e o Japão a crescerem, assim como as economias da Ásia e da Europa Ocidental.

Os Estados Unidos se abriram as exportações do Japão e da Alemanha Ocidental para criar uma estabilidade, medida que se mostrou eficaz. O autor ressalta que os Estados Unidos, nesse período, construíram uma zona estreita de comércio que sempre era direcionada em seu próprio benefício.

---

<sup>63</sup> ENGDAHL, William. *Crisis of the U.S. Dollar System*. Disponível em: <<http://www.globalresearch.ca/index.php?context=viewArticle&code=ENG20061014&articleId=3482>>. Acesso em: 25 ago. 2008.

<sup>64</sup> RENDER, Marcelo. *Analistas Vêem Virada Brusca no Cenário*. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 8 set.2008.

Esse sistema foi eficaz e durou até o final da década de 60, período onde os Estados Unidos se envolveram na guerra do Vietnã. Os gastos com a guerra causaram uma grande perda em suas reservas de ouro. Em 1968 essa perda atingiu níveis críticos, levando os bancos centrais estrangeiros, que continham dólares em suas reservas, temerem frente ao déficit americano.

A desvalorização do dólar, e a corrida para trocá-los por ouro, começou em agosto de 1971. O então presidente dos Estados Unidos, Nixon, rompeu o tratado de Bretton Woods, recusando, a partir daquele momento, o resgate de dólares por ouro. Era sabido que as reservas de ouro dos Estados Unidos não eram suficientes para cobrir os saques. Segundo o autor, esse foi o princípio da Era mais importante da história da economia mundial.

Depois de 1971, o dólar deixou de ser indexado a uma onça de ouro, e sim à Reserva Federal dos Estados Unidos. O autor coloca que Washington não se apercebeu do que tinha criado a partir do seu rompimento com o ouro, pois criou-se um ambiente onde todos confiariam nos Estados Unidos e sua moeda simplesmente, pelo fato dele ser pilar de segurança do mundo.

Nessa ocasião as moedas flutuaram contra o dólar, a liberalização dos mercados foi gradual, controles foram levantados, paraísos fiscais foram permitidos, mudanças, que segundo o autor, foram coordenadas e originadas em Washington em coordenação com os bancos de Nova Iorque.

Após 1971, os Estados Unidos começaram a notar que tinham como exercer uma influência global enorme, via dívida do tesouro. Fator inédito em questão de excedentes comerciais. O autor coloca que como os produtos chaves de necessidade dos Estados ainda eram comercializados em dólares, a procura pela moeda continuaria, sendo assim, os Estados Unidos criaram mais e mais dólares, mesmo sem respaldo de sua economia.

A acumulação de dólares foi imensa, e uma crise era um temor que corria entre os sócios comerciais, resultando no enfraquecimento de suas próprias economias.

O choque veio em 1973, com o enorme aumento do petróleo que chegou a 400%, desgastando várias economias pelo mundo, entretanto, o dólar foi pouco abalado.

O dólar hoje ainda é a principal moeda para reservas. Os bancos centrais de todos os países procuram ter reservas dessa moeda. O dólar seria um recurso seguro para em um advento de crise monetária. Usando suas reservas, os países tem como resistir. Hoje a porcentagem de reserva em dólares dos bancos centrais chega a 67%, o ouro hoje só representa uma pequena parcela e o euro 15%, sendo o único rival, como reserva.

Os bancos centrais de todo mundo acumularam dólares, mas o que deveriam fazer com eles se não poderiam comprar mais ouro? Segundo o autor, a partir do dia que o Bundesbank resolveu comprar títulos com os dólares do Tesouro dos Estados Unidos, um investimento considerado seguro, todos começaram a fazer o mesmo.

Hoje em dia os bancos centrais guardam títulos do Tesouro dos Estados Unidos ou ativos, como parte de suas reservas, e estas podem ser de 1 trilhão a 1,5 trilhões de dólares, em dívida dos Estados Unidos. Como efeito a economia americana é dependente dos empréstimos estrangeiros e o déficit americano hoje chega a 500 bilhões de dólares.

Hoje a China é o país que tem o maior superávit de dólares, sua moeda o yuan é indexado ao dólar. O excedente comercial chinês com os Estados Unidos é de mais de 100 bilhões de dólares por ano, sendo o segundo o Japão com 70 bilhões, o Canadá 48 mil milhões, o México com 37 bilhões e na quinta posição, a Alemanha com 36 bilhões.

Alan Greenspan<sup>65</sup>, do *Federal Reserve System*, tentou pressionar a China para que essa re-avaliasse o yuan para que seus produtos se tornassem menos competitivos no mercado americano. O problema é que esse movimento pode ser perigoso para os Estados Unidos pois, segundo o autor, a China possui 340 bilhões em

---

<sup>65</sup> Alan Greenspan, conceituado economista norte americano, foi de 11 de agosto de 1987 até 31 de janeiro de 2006 presidente do Federal Reserve dos Estados Unidos da América. Após sua aposentadoria, ele aceitou o cargo honorário no departamento do tesouro britânico.

títulos do Tesouro americano e outros ativos e os Estados Unidos precisam da China para financiar seus crescentes déficits.

Dados recentes<sup>66</sup> mostram que o déficit dos Estados Unidos recuou em julho de US\$ 59,4 bilhões para 59,2 bilhões, em termos atualizados, a balança comercial dos Estados Unidos tem um déficit de US\$ 711 bilhões, menor que o de 2006, que era de US\$ 785,5 bilhões.

### 2.2.2 Força Militar

Hoje, sem dúvida, os Estados Unidos são a maior potência militar do mundo, pois só para a recomposição de seu vasto arsenal, após as guerras do Iraque e Afeganistão, eles gastaram 529 bilhões de dólares<sup>67</sup>.

Para os próximos anos existe uma verba de 15 bilhões de dólares para manutenção de bases militares americanas pelo mundo. Essa verba será destinada para abertura de novas bases, fechamento de algumas e manutenção<sup>68</sup>.

Hoje a força aérea dos Estados Unidos contam com<sup>69</sup> mais de 6000 aviões tripulados em serviço, 160 veículos aéreos não tripulados, mais de 2600 mísseis de todas as espécies, e mais de 330.000 militares ativos e mais de 160.000 civis empregados.

A força marinha dos Estados Unidos contam com mais de 280 navios militares diversos, com mais de 3700 aviões e com 330.000 militares na ativa<sup>70</sup>.

O exército americano conta com um ativo de mais de 1 milhão de soldados<sup>71</sup>, e milhares de tanques e helicópteros.

---

<sup>66</sup> FOLHAONLINE. *Base de Dados*. Disponível em: < <http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 20 set.2008.

<sup>67</sup> ABIN. *Base de Dados*. Disponível em: < <http://www.abin.gov.br>>. Acesso em: 25 set.2008.

<sup>68</sup> ITD-PRESIDENCIAIS AMERICANAS 2008. *Base de Dados*. < <http://presidenciais2008.wordpress.com>>. Acesso em: 15 out. 2008.

<sup>69</sup> U.S.AIR FORCE'S CENTRAL. *Base de Dados*. <<http://www.centaf.af.mil>>. Acesso em: 15 out.2008.

<sup>70</sup> NAVY.MIL. *Base de Dados*. <<http://www.navy.mil/swf/index.asp>> . Acesso em: 15 out. 2008.

<sup>71</sup> ARMY.MIL. *Base de Dados*. <<http://www.army.mil>>. Acesso em: 15 out. 2008.

O exército americano não é o maior em ativos humanos, mas melhor em armamento e tecnologia bélica, em relação aos outros países.

### **2.2.3 Comércio Exterior**

Apesar da desaceleração da economia mundial, as exportações dos Estados Unidos cresceram 2,7% até julho de 2008, chegando a um total de US\$ 137,7 bilhões, exportando produtos agrícolas, automóveis, autopeças e bens de capital. As importações cresceram em 1,8% até julho de 2008, chegando a US\$ 196,9 bilhões, sendo que o principal destaque foi a importação de petróleo, que cresceu 2,3%, e custando US\$ 27,2 bilhões.

O déficit dos Estados Unidos com a China cresceu 12,5% em julho de 2008, atingindo US\$ 23,6 bilhões, sendo o segundo maior registrado, menor somente que o registrado em outubro de 2006 que foi de US\$ 24,4 bilhões. Os Estados Unidos já acumulam um déficit com a China de US\$ 242 bilhões, fator indicador de um grande desequilíbrio nas trocas comerciais entre os dois atores.

Com a redução da venda de aviões comerciais dos Estados Unidos para a China, o total das exportações americanas caíram 19%. Já as importações cresceram 5,6%, tendo os telefones celulares, roupas e brinquedos como os principais produtos responsáveis.

A oposição no Congresso dos Estados Unidos está pressionando para que medidas punitivas sejam aprovadas contra a China. Eles alegam que a China tem usado práticas desleais, tais como a desvalorização da moeda, fator que prejudica os produtos americanos nos mercados estrangeiros.

## **2.3 As Relações dos Estados Unidos e China no Cenário Político**

O relacionamento dos Estados Unidos e a China é conhecido, tanto pelo seu caráter econômico, quanto por suas divergências políticas. Vários casos já foram alvo de processos na ONU, OMC, dentre outros, onde os dois atores se juntavam sob um

objetivo comum ou lutavam por seus interesses. O estudo de alguns casos se faz necessário, para maior conhecimento e esclarecimento.

### 2.3.1 A Questão do Tibet

Em 1949, Mao Tse-Tung, foi o líder da Revolução Chinesa, chegando ao poder daquele país. Nesse mesmo ano, a China fez investidas ao território Tibetano; uma se deu em 1949 e outra em 1950. Outrora o Tibet foi uma região independente e agora era ocupada pelo governo chinês, a custo de 10 mil mortos.<sup>72</sup>

Em 1950, Tenzin Gyatso<sup>73</sup> assumiu o poder político do país, e as negociações avançaram. Em 1951 foi assinado um documento com a China que se intitulou o Acordo dos 17 Pontos, onde medidas para a libertação do Tibet seriam tomadas. Em 1954, o Dalai-Lama realizou conversações de paz com Mao e em 1956 aconteceram reuniões com o primeiro-ministro da Índia, Jawaharl Nehru, sobre a situação Tibetana que rapidamente se deteriorava.

Em 10 de março de 1959 a situação se tornou tão insustentável que o governo chinês convidou o Dalai-Lama para uma apresentação que iria ocorrer em um acampamento militar em Lhasa, a capital do Tibet. O único pedido do governo chinês era que o o mesmo fosse sem guarda costas ou soldados. Em 17 março de 1959, o Dalai-Lama foge para Bomdila.

Em 1963 o Tibet ganhou status de Região autônoma, e em 1989 a causa tibetana ganha forças entre os ocidentais, após o massacre de muitos manifestantes, empreendida pelo exército chinês, na praça da Paz Celestial e também pelo fato de que o Dalai Lama ter recebido o Prêmio Nobel da Paz.

---

<sup>72</sup> THE OFFICE OF TIBET, NEW YORK. *Base de Dados*. Disponível em: <<http://www.tibet.net/en/index.php>>. Acesso em: 9 set. 2008

<sup>73</sup> O 14º dalai-lama, considerado um líder e ao mesmo tempo religioso e político, assumiu tendo apenas 15 anos.

Em Genebra, em 26 de março de 2008, diplomatas e representantes civis introduziram a questão do Tibet nos debates que ocorreram naquela cidade suíça, pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU

Segundo o autor, o Conselho de Segurança, organismo máximo da ONU, teria permanecido alheio aos problemas que vinham acontecendo no Tibet, desde o começo do ano.

Algumas Organizações Não Governamentais, (ONGs) e governos trouxeram o assunto sobre o Tibet para a pauta, mas o debate mais forte ficou por conta do embaixador dos Estados Unidos, Warren W. Tichner, e o chinês que representava a China, Qian Bo.

Tichner, em seu discurso, mostrou que Washington e o povo americano em geral estavam preocupados com a violenta crise no Tibet, onde vidas estavam sendo perdidas e prisões sendo feitas ilegalmente. Violência que teria começado em protestos pacíficos em Lhasa. Esse foi o começo de uma troca de acusações. Em seu direito de réplica, o representante chinês Qian, disse que os Estados Unidos deveriam se recordar e refletir sobre a destruição infligida por eles ao Iraque e a outros países, apontando essas invasões como violações extremas dos direitos humanos, e continuou falando que não existe outro país do mundo que tenha desrespeitado os direitos humanos tal como os Estados Unidos.

O histórico de acusações por parte dos Estados Unidos a China, em relação a violações aos direitos humanos, é uma constante, assim como as retóricas dos representantes chineses

### **2.3.2 Críticas Chinesas aos Estados Unidos**

A China<sup>74</sup> critica duramente os Estados Unidos na questão dos direitos humanos. O documento nomeado de *Human Rights Record of The United States in 2007* foi a resposta chinesa a um dossiê divulgado pelo Departamento de Estado

---

<sup>74</sup>UNITED NATIONS. *Base de dados*. Disponível em: <<http://www.un.org>>, Acesso em: 16 set.2008.

americano, que apontava as violações chinesas aos direitos humanos. Essa foi a nona vez que a China respondeu os relatórios americanos, mas teve a diferença fundamental por ter um conteúdo crítico.

O relatório, segundo a autora, foi divulgado depois que a China se pronunciou que iria adotar uma postura mais agressiva na política externa. O Ministro das Relações Exteriores afirmou que as críticas feitas contra a China, sobre direitos humanos, são movidas pelo que ele chamou de “forças anti-China”.

O dossiê publicado pelos Estados Unidos descrevia a China como um país que abusava dos direitos humanos, autoritário, que pratica a tortura, suprime a liberdade religiosa e que dificulta o trabalho das organizações não-governamentais estrangeiras.

A autora coloca que apesar das críticas, a China foi retirada da lista dos países que mais desrespeitam os direitos humanos, fato que causou grande comoção entre algumas Organizações não Governamentais (ONGs).

O relatório tem sete pontos e aponta o desrespeito dos Estados Unidos, aos direitos humanos, dentro e fora de seu território, apontando a invasão do Iraque como “a maior tragédia aos direitos humanos e o maior desastre humano do mundo moderno”<sup>75</sup>, e afirma que os Estados Unidos já tem um histórico de violar a soberania e direitos humanos em outros países. Afirmam ainda que os Estados Unidos são sinônimo de “prisões secretas” e “tortura de prisioneiros”, e completam que o mesmo exerce pressão para que todos os países aceitem visitação de delegações da ONU mas não aceitaram os pedidos de visita à base de Guantánamo.

Na questão doméstica, a China acusou os Estados Unidos por desrespeito aos direitos das mulheres, crianças, negros e hispânicos e aponta também as violações de direitos humanos pela violência urbana, tais como assassinatos em massa ocorridos em escolas e universidades, e encerraram o relatório dizendo que os Estados Unidos não devem se intrometer na soberania dos outros países. Yang Jiechi afirmou que:

---

<sup>75</sup> BBC BRASIL.COM. *Base de Dados*. < <http://www.bbc.co.uk> >. Acesso em: 15 out. 2008.

“Nenhum país do mundo deve se ver como a encarnação dos direitos humanos e usar os direitos humanos como ferramenta para interferir nos assuntos internos e exercer pressão sobre outros países para atingir seus próprios interesses estratégicos.”<sup>76</sup>

### **2.3.3 Protesto Americano Contra a China na Organização Mundial do Comércio (OMC)**

O Departamento de comércio americano, em abril de 2007, deu entrada em dois pedidos: o primeiro relacionado a direitos autorais, e o outro sobre as barreiras chinesas à comercialização de músicas, livros, vídeos e filmes, alegando que os níveis de pirataria na China são enormes.<sup>77</sup>

A China protestou dizendo que os Estados Unidos foram descuidadosos e com isso ignoraram os feitos do governo chinês em prol do assunto protestado.

Susan Schwab afirmou que os Estados Unidos e a China têm cooperado em muitas questões:

“Enquanto os Estados Unidos e China trabalham de forma cooperativa e pragmática em uma série de questões sobre os direitos de propriedade intelectual e a China toma várias medidas para melhorar a proteção e aplicação destes direitos, não conseguimos chegar a um acordo para várias mudanças importantes para o regime legal chinês, que, acreditamos, são necessárias para os compromissos da China com a OMC”<sup>78</sup>.

Finalizou dizendo que apesar dos diálogos bilaterais tidos entre os Estados Unidos e a China, o governo americano não foi tranqüilizado e ameaçava a China com um protesto formal e desde 2005, o processo vem sendo analisado pela OMC.

### **2.3.4 O Relacionamento Entre Estados Unidos e China**

---

<sup>76</sup> Ibidem.

<sup>77</sup> WORLD TRADE ORGANIZATION. *Base de dados*. <<http://www.wto.org/>>. Acesso em: 14 out.2008.

<sup>78</sup> BBC BRASIL.COM. *Base de Dados*. <<http://www.bbc.co.uk>>. Acesso em: 15 out. 2008.

Em 2006, o Presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, encontrou-se com o Presidente da China, Hu Jintao, na Casa Branca, encontro que foi marcado pela ambivalência.<sup>79</sup>

Segundo o autor, o relacionamento entre os Estados Unidos e China vem se tornando mais complexo a cada dia. A desconfiança faz parte desse íterim, pois a China, país emergente que tem, segundo o autor, condições de competir com os Estados Unidos em tão curto período de tempo, pois onde existe uma competição também existe uma dependência entre eles.

A proliferação das armas nucleares no Irã e Coreia do Norte, o apoio dado pelos Estados Unidos a Taiwan, o problema do déficit anual no comércio americano com a China, que chega a US\$ 200 bilhões a.a, a desvalorização irreal da moeda chinesa e a sombra de desrespeito aos direitos humanos que sempre são ressaltados em relação a China, são alguns pontos que os Estados Unidos e a China deverão resolver juntos.

O governo chinês tem demonstrado interesse em resolver essas questões em conjunto com os Estados Unidos, anunciando planos de compra de mais de 80 aviões da Boeing, gesto considerado como de boas intenções.

Segundo o autor, os laços entre os dois países chegaram a uma complexidade tamanha, que agora soluções unilaterais se tornaram inviáveis.

Robert Zoellick, subsecretário de Estado americano, explica que a China precisa vir a ser responsável, ajudando os Estados Unidos na crise nuclear e na estabilização da economia mundial.

### **2.3.5 O Caso do Avião Espião EP-3**

Em 1 de abril de 2001, o avião espião EP-3, com 24 tripulantes foi interceptado por um caça da força aérea chinesa.<sup>80</sup>

---

<sup>79</sup> Ibidem.

<sup>80</sup> BBC BRASIL.COM. *Base de Dados*. < <http://www.bbc.co.uk> >. Acesso em: 15 out. 2008.

O caça pilotado por Wang Wei, colidiu com o EP-3, causando a queda do mesmo e o falecimento de Wang Wei. A tripulação do EP-3 sobreviveu.

Os Estados Unidos pediram que a China devolvessem os tripulantes e o avião, mas a China levou 11 dias para devolver os tripulantes, e como exigência os Estados Unidos tiveram de pedir desculpas pelo incidente.

A China deixou bem claro que os vôos dessa natureza deveriam ser interrompidos, mas os Estados Unidos deixaram claro que não iriam acatar essa exigência.

O avião foi devolvido mais tarde e levado aos Estados Unidos por navio.

Estados Unidos e China claramente tem um relação muito forte, tanto econômica quanto política. Entretanto vários conflitos marcam a história de seu relacionamento. Apesar de terem se institucionalizado, a corrida armamentista continua, mostrando que nenhum dos dois tem se sentido seguro. Os conflitos econômicos são freqüentes assim como os ideológicos.

Nesse contexto, até onde a teoria da Interdependência Complexa seria o instrumento de análise mais acertado para descrever essa relação? Em quais pontos dentro desse modelo de análise ela se encaixaria e em quais destoariam com a realidade dos fatos?

### **3 Aplicação da Interdependência Complexa às Relações Entre Estados Unidos e China**

Conforme a teoria dos autores Keohane e Nye, para podermos medir se o relacionamento dos países, como no caso dos Estados Unidos e da China, se encaixa dentro do contexto da teoria da Interdependência Complexa, suas três características básicas<sup>81</sup> devem ser encontradas, mesmo que não em sua totalidade.

A partir de 1972 com o fim do embargo comercial imposto sobre a China e com o rápido crescimento de entrada de divisas, a capacidade de exportação chinesa cresceu.

Os Estados Unidos em 1979 se tornaram o terceiro maior parceiro comercial da China. Hoje a importação de grãos, produtos manufaturados e têxteis, por parte dos Estados Unidos só tem crescido. O comércio foi o principal agente para começar o relacionamento entre os dois.

Com a valorização do dólar ocorrido nos anos 80 e o encarecimento dos custos de produção em muitos países asiáticos, a China se tornou um alvo para muitas empresas e de investidores em busca de maiores lucros.

Empresas de todo mundo se deslocaram para o território chinês. Os Estados Unidos contam hoje com cerca de 7 mil empresas em território Chinês<sup>82</sup>. O comércio entre os Estados Unidos e China vem tendo um crescimento enorme nos últimos 8 anos.

Esses fatores em conjunto, levaram os Estados Unidos e a China a um novo patamar de relacionamento, tanto comercial quanto político, criando no

---

<sup>81</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989, p 21-23

<sup>82</sup> O GLOBO/ Agência Brasil. *Base de Dados*. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/economia>>. Acesso em: 9 set.2008.

mínimo uma dependência entre os dois, e uma Interdependência nos moldes da teoria de Keohane e Nye.

### **3.1 O papel das Instituições no Relacionamento entre Estados Unidos e China**

Para Keohane e Nye a capacidade de atrair divisas, investimentos, capital produtivo e a capacidade dos governos de formarem coalizões são formas de obtenção de poder.

Em um contexto de interdependência, tendo em vista que as relações entre Estados podem ser assimétricas, um Estado pode rapidamente começar a acumular poder em detrimento de outro. Nesse caso medidas de segurança tem de ser criadas. Foi prevendo esse contexto que os autores mostram que as Instituições são indispensáveis no relacionamento entre Estados.

Vários casos de conflitos dos Estados Unidos e A China hoje são julgados por entidades inter-governamentais. Keohane e Nye colocam esse fator como um dos predominantes para que haja um balanço de poder entre os Estados.

A China e os Estados Unidos, percebendo que uma cooperação seria benéfica e proveitosa para ambos tem se institucionalizado<sup>83</sup>. Fazendo parte de órgãos não-governamentais e de inter-governamentais tais como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a ONU que fazem um papel de intermediadoras em suas questões mais delicadas.

Em uma relação de interdependência, os Estados prefeririam recorrer as Instituições, do que a qualquer outro meio de resolução de conflito empregando a violência. Segundo os autores, a necessidade de haver em seus relacionamento instituições, se dá porque, a assimetria de poder que existiria esse ambiente, poderia criar uma sensação de insegurança.

---

<sup>83</sup> Deixando claro que, a institucionalização dos dois atores, não se deu apenas após começarem a ter relações comerciais, o foco aqui é o quanto a crescente institucionalização seria benéfica para controle e segurança dos atores envolvidos e a integração da China às instituições que ela não fazia parte como a OMC, Kyoto, etc. Tudo segundo os moldes da teoria da Interdependência Complexa.

Como exemplo os Estados Unidos país hoje considerado o mais poderoso, sempre tiveram problemas com a China na questão de direitos autorais, Porém, ao invés de empregar qualquer tipo de força não pacífica para resolver o problema, recorreram a OMC.

Não somente em questões econômicas os dois Estados estão ligados por instituições, em questões políticas também. O caso do Tibet onde a China tem por vários anos investindo militarmente em seu território, invasão que deixou mais de 10 mil mortos e segundo os Estados Unidos, uma clara violação dos direitos humanos.

Segundo Keohane e Nye, os Estados que são interdependentes preferem recorrer as instituições do que a guerra, no caso do Tibet vemos que os Estados Unidos que ao longo dos anos vem fazendo intervenções militares ao redor do mundo, tais como, na Coreia, Vietnã, dentre outros não interviu militarmente nesse caso. Nessa questão sua reação foi se mostrar “preocupado” com a situação, mas preferindo deixar a cargo da ONU resolver de alguma forma o problema.

A questão dos direitos humanos tem sido alvo de discussões entre os dois Estados, por diversas vezes os Estados Unidos tem acusado a china de violações. Em 1989, o acesso da China a empréstimos no Banco Mundial de Desenvolvimento Asiático foi bloqueado, a alegação por parte do governo americano foi o desrespeito por parte da China aos direitos humanos.

A China também acusou os Estados Unidos várias vezes, classificando-o como os maiores violadores dos direitos humanos que existe e ainda citaram, dentre outros casos, a invasão do Iraque em 2003.

Apesar da disparidade de força que existe entre os dois atores, as instituições serviram como um ponto de segurança e nivelamento. Criando um ambiente de igualdade para que suas demandas fossem ouvidas. E apesar de todos os conflitos, na área política, as exportações e importações entre eles continuaram a crescer.

### 3.2 Sensibilidade e Vulnerabilidade

A economia dos Estados Unidos seria mais sensível ou vulnerável em relação a economia chinesa caso essa viesse ter problemas? E a economia chinesa, até onde ela seria sensível ou vulnerável aos problemas econômicos dos Estados Unidos?

Com preços baixos, moeda desvalorizada, baixos custos de produção e incentivos diversos, a China é um grande atrativo aos investidores e empresas transnacionais, só os Estados Unidos importam mais de 340 bilhões de dólares por ano da China e exportam mais de 233 bilhões de dólares por ano para a China.

A questão da sensibilidade e vulnerabilidade no relacionamento entre os Estados Unidos e China hoje é complexa, economicamente os dois estão muito ligados. As exportações chinesas para os Estados Unidos continuam crescendo.

Nesse contexto de cooperação tem aparecido alguns problemas. O déficit americano em relação a China, a compra de títulos do Tesouro americano pelo governo Chinês, o encarecimento da mão de obra e produção no solo Chinês.

Desde que os Estados Unidos e a China começaram sua relação comercial, a mesma vem crescendo enormemente. Do ano 2000 até 2007 o volume exportado da China para os Estados Unidos foi mais de 1.626 trilhões de dólares<sup>84</sup> e dos Estados Unidos para a China foi de 992 bilhões de dólares<sup>85</sup>. Hoje os Estados Unidos são um dos maiores importadores de produtos com fabricação em solo chinês.

A mão de obra chinesa está entre as mais baratas do mundo, esse fator adicionado aos incentivos dados pelo governo, levaram empresas de todo o mundo a montar suas fábricas em solo chinês, em busca de menores custos de produção, nesse contexto quem seria mais sensível ou vulnerável caso os custos da mão de obra subisse?

---

<sup>84</sup>UNCOMTRADE. *Base de dados*. Disponível em: <<http://comtrade.un.org>>. Acesso em: 15 set.2008.

<sup>85</sup> Ibidem.

Várias empresas, européias e americanas, estão estudando a possibilidade de mudar suas fábricas para o Vietnã, onde o custo da mão de obra poderia ser ainda mais barata e com isso diminuiriam os custos de produção.

Para a economia chinesa a saída das empresas americanas de seu território seria possivelmente muito problemática, mas para os Estados Unidos não. Nesse caso a China se mostra particularmente vulnerável, sem outra forma de recuperar essa perda ela teria somente ônus. Todavia a economia americana sentiria por um breve período uma queda, mas a crise poderia ser resolvida simplesmente buscando outros nichos de produção, tal como o Vietnã. Nesse caso a vulnerabilidade chinesa é grande, ao contrário dos Estados Unidos que se mostrariam sensíveis em um primeiro momento mas logo poderiam se recuperar.

Outros pontos que devem ser medidos são: o déficit dos Estados Unidos com a China, e a grande quantidade de títulos do Tesouro americano e outros ativos que são de posse do governo chinês.

O dólar é a moeda de reserva do mundo moderno, superando qualquer outra ou recurso, estando presente em todos os bancos centrais do mundo, chegando a um total de mais de 1,5 trilhões.

Sendo a China a detentora do maior superávit e tendo um excedente de 100 bilhões de dólares por ano, valor que continua crescendo. Criou um desconforto nos Estados Unidos, levando o congresso americano a pedir medidas punitivas contra as políticas comerciais chinesas, temendo um desgaste maior de sua área produtiva, pela perda de competitividade.

Além do déficit que os Estados Unidos tem com a China outro fator é muito importante é a quantidade de títulos do tesouro americano e ativos, que a China tem, chegando a 340 bilhões de dólares. Esse fator coloca os Estados Unidos em uma posição desconfortável em relação a China.

Com um déficit de bilhões a economia americana depende de empréstimos estrangeiros. A China hoje, é o país que detêm o maior superávit sobre os Estados Unidos e ainda bilhões em títulos americanos. Para financiar sua dívida, os Estados Unidos dependem, em grande parte, da China. A questão da dependência que um tem do outro aqui é imensa, e os Estados Unidos se mostram muito mais vulneráveis nessa questão que a China.

A China em seu cômodo lugar de credora se mostra sim, em parte, sensível a qualquer tipo de barreira que os Estados Unidos possam impor, mas como financiadora não mostra qualquer vulnerabilidade.

O relacionamento entre Estados Unidos e China tem transpassado as barreiras políticas nos últimos anos, avançando para as áreas não governamentais, onde as empresas transnacionais, transferência de tecnologia, pessoas e investimentos privados tem forte atuação, tornando os atores cada vez mais dependentes.

No contexto de interdependência, vemos que os dois atores estão interligados. A assimetria de poder entre China e Estados Unidos foi compensada pela sua institucionalização. As empresas e atores não governamentais se tornam cada dia mais importantes, na economia e na política.

### **3.3 A Nova Agenda Internacional**

Outro fator colocado pelos autores é a falta de hierarquia entre os assuntos, mostrando que os assuntos militares já não são o alvo principal de todos os atores internacionais, podendo variar conforme a necessidade de cada um. Os direitos humanos hoje é um assunto muito importante no contexto internacional. Respeito pela vida humana, e o direito a vida, conceitos contemporâneos muito comuns, e fonte de conflitos entre os Estados Unidos e a China.

Por mais de nove<sup>86</sup> vezes os Estados Unidos acusaram a China de desrespeitarem os direitos humanos. Os Estados Unidos exigiam que a China mudasse suas formas de produção. Outra questão foi a invasão do Tibet, assunto que repercutiu enormemente, e foi apresentado na ONU.

Por sua vez a China acusou os Estados Unidos de desrespeito aos direitos humanos em vários momentos, apontando a invasão do Iraque, como um atentado e seguiu em sua acusação afirmando o desrespeito dos Estados Unidos por várias classes sócias em seu território.<sup>87</sup>

Keohane e Ney, mostram que os Estados inseridos em um contexto de interdependência complexa procuram cooperar. Apesar dos conflitos, os atores buscam meios de minimizar os efeitos nocivos que porventura poderiam surgir.

A cooperação nesse caso adveio de acusações formais entre os atores, para os autores uma forma de poder foi usada nesse contexto. As demandas causaram mudanças nos rumos de ação de cada um.

Para responder as acusações dos Estados Unidos e outros atores, direitos trabalhistas foram criados pelo governo chinês. O que acabou por encarecer a mão de obra e causando desconforto nas empresas.

A mudança que a China fez em suas leis, para poder adequar suas políticas com os pedidos internacionais são descritas por Keohane e Nye. Quando um Estado se institucionaliza ele ganha segurança e equilíbrio, mas pode perder sua total autonomia. Tendo de considerar a vontade dos outros Estados, no caso a China teve de mudar internamente.

O fator econômico também é uma fonte de poder, em uma Interdependência Complexa, onde os ganhos, riscos e perdas podem ser assimétricos.

---

<sup>86</sup> UNITED NATIONS. *Base de dados*. Disponível em: <<http://www.un.org>>, Acesso em: 16 set.2008..

<sup>87</sup> *Ibidem*.

Entre os Estados Unidos e a China, existe uma forte dependência, pois um precisa produzir e exportar, que é o caso da China, e o outro principalmente de financiamento para seu déficit, que é o caso dos Estados Unidos.

A China, precisa continuar exportando, para que possa manter seu superávit. Sua economia gira em torno de exportações e investimentos externos. Grande parte de seu superávit vem de suas exportações para os Estados Unidos. A China também tem uma grande reserva de dólares e títulos, o que lhe confere poder, na hora de negociar com os Estados Unidos.

Os Estados Unidos tem mais de 7 mil empresas em território Chinês, e é um dos maiores parceiros comerciais da China hoje. Seus investimentos em solo chinês, e grande importação de seus produtos, lhe conferem poder na hora das negociações.

Outro fator que vem mudando, não tanto em relação aos Estados Unidos mas em relação a China é a questão ambiental. A china tem feito mudanças enormes em sua infra-estrutura com o intuito de pelo menos minimizar os efeitos causados por sua indústria e acalmar os ânimos internacionais.

Fica clara a mudança de foco desses atores, não que a questão militar da segurança tenha sido deixada de lado, entretanto, outros assuntos foram inseridos. A economia, o bem estar com a comunidade internacional, o meio ambiente, se tornaram de interesse dos Estados.

### **3.4 O Poderio Militar no Meio Internacional**

Além da questão econômica ou dos direitos humanos, existe a questão militar. China e Estados Unidos são hoje potências militares. A China contando com o maior contingente militar do mundo e os Estados Unidos com o exército mais bem armado e detentor da maior tecnologia bélica do mundo.

Todos os gastos com armamentos tornam claro que a questão militar ainda é um assunto importante, apesar de não ser central. Os Estados Unidos hoje

são a maior potência militar do mundo, e a cada ano seu interesse em desenvolvimento de armamento convencional tem aumentado.

A venda de armas é um fator importante na economia dos Estados Unidos hoje. O gasto americano com armas<sup>88</sup> foi enorme após a guerra do Iraque, gerando grandes lucros as indústrias bélicas.

A China, segundo fontes do governo americano<sup>89</sup> gasta em torno de 90 bilhões de dólares ao ano, com armamentos, tomando a terceira posição entre os países que mais gastam com armamentos, sendo superada apenas pelos Estados Unidos e Europa.

O caso do avião espião dos Estados Unidos EP-3 é uma clássica demonstração de força nos moldes da Interdependência Complexa. Os Estados Unidos poderia ter usado seu poderio militar para forçar a China a ceder, mas não o fez. Porém ameaças implícitas foram feitas, de um lado os Estados Unidos exigindo o avião e tripulantes, e do outro a China, que só viria a entregar o avião depois de exigir desculpas por parte dos Estados Unidos.

Hoje o poder militar não consegue lidar com todos os tipos de situações, mesmo em um caso como da queda do EP-3, em que uma invasão da parte dos Estados Unidos poderia ser feita, o caminho diplomático serviu bem.

O caso do Tibet é outro exemplo, em uma primeira impressão, uma intervenção militar seria claramente um meio de resolução, onde expulso o exército invasor, e restaurando o governo local, tudo provavelmente voltaria ao normal.

Os problemas com o meio ambiente claramente não podem ser resolvidos por meio da guerra e sim de acordos entre Estados. Mesmo os Estados Unidos com todo seu poderio militar não conseguiu impedir o Protocolo de Kyoto<sup>90</sup>.

---

<sup>88</sup> A recomposição do arsenal pós guerra do Iraque custou 529 bilhões de dólares

<sup>89</sup> LIMA, Carolina Andressa. *Rumsfield Chega à China e Faz Alerta Quanto a Sua Expansão Militar*. Disponível em: < <http://www.puc.br>>. Acesso em: 18 set. 2008. p 2.

<sup>90</sup> É um acordo internacional que estabelece metas de redução de gases poluentes para os países industrializados.

O modelo do Keohane e Nye falha nesse ponto, os autores colocam que Estados em uma interdependência tendem a gastar menos com armamentos,<sup>91</sup> o que não acontece no caso da China, muito menos dos Estados Unidos.

Os autores,<sup>92</sup> afirmam também, que os Estados prefeririam a política ao uso da força. Os Estados Unidos tem um histórico de invasões enorme, o mais recente caso foi a invasão do Iraque, contexto onde os Estados Unidos contrariando a vontade da ONU, invadiu o país. Assim como a invasão da China no Tibet, também contraria a afirmação de Keohane e Nye.

Outro fator seria a falta de segurança, sentida na corrida armamentista. Segundo Keohane e Nye, as Instituições dariam confiança e segurança,<sup>93</sup> o que acarretaria em um decréscimo das forças militares. Aqui a questão das instituições darem confiança falha.

Apesar desses fatores os autores colocam que<sup>94</sup> a força militar de um país e sua condição de usá-la depende diretamente de sua economia. Com isso se a economia não for bem a capacidade de fazer guerra, segundo Keohane e Nye, fica anulada. Seja por meio de instituições ou econômicos, a guerra pelo seu custo político ou econômico não seria uma escolha racional.

A conjuntura internacional hoje não é somente baseada no uso da força militar, várias formas de poder tem surgido. As Instituições internacionais, sejam governamentais, inter-governamentais ou não-governamentais, são novas formas de poder.

A China e os Estados Unidos têm em seu relacionamento muitos pontos em comum com a teoria da Interdependência Complexa, mas também várias divergências. A teoria de Keohane e Nye conseguiu explicar várias facetas do comportamento dos Estados Unidos e China, até mesmo prever certos comportamentos como, por exemplo, a institucionalização crescente. Entretanto ainda não consegue explicar a totalidade da intrincada relação entre os Estados

---

<sup>91</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2<sup>a</sup> ed. Harper's Coll, 1989. p 23.

<sup>92</sup> Ibidem.

<sup>93</sup> Ibidem, 29.

<sup>94</sup> Ibidem, 23.

Unidos e China. Apesar de não analisar todos os fatores, uma certa interdependência existe entre eles, mesmo que não inteiramente nos moldes da teoria de Keohane e Nye.

## CONCLUSÃO

A parceria comercial entre os EUA e China se desenvolveu enormemente desde 1978. Em pouquíssimo tempo os dois desenvolveram uma relação complexa. De um lado os Estados Unidos importando bilhões de dólares por ano da China e tendo mais de 7 mil empresas em território chinês. Do outro lado a China, que tem o maior superávit do mundo em relação aos Estados Unidos, e retêm uma quantidade enorme de dólares e títulos do tesouro americano. Mesmo com a forte institucionalização desses atores a corrida armamentista continua, pondo a segurança dada pelas instituições, apontada pelos autores Keohane e Nye, a prova.

No relacionamento entre Estados Unidos e China foi encontrado um dos três princípios básicos da Interdependência complexa que é a questão dos múltiplos canais. Onde o mundo se torna tão interligado que todos os atores internacionais são de alguma forma afetados pelas ações dos outros. No caso dos Estados Unidos e China vemos essa questão na sua rápida institucionalização, troca tecnológica e de informações entre as empresas e pessoas.

A abertura chinesa para o mercado internacional, após a retirada da barreira comercial em 1972, atraiu empresas transnacionais, turistas, profissionais, tecnologia, representantes governamentais, OINGs dentre outros. Esses fatores em conjunto causaram mudanças profundas na forma de governo chinês, mudando aos poucos sua política interna e externa. Essa mudança segundo Keohane e Nye seria causada pela influência do que eles chamam de “mundo sem fronteiras”, os Estados agora em um contexto de Interdependência Complexa tem de levar em conta a vontade dos outros Estados, pois todos estão de alguma forma ligados. Mas mesmo nesse contexto a China invadiu o Tibet e foi acusada de desrespeito aos direitos humanos dentro e fora de seu território.

Os Estados Unidos também mudaram sua postura em relação a China após 1978, abrindo-se para receber as exportações chinesas, mostrando uma mudança de postura e agenda. Essa mudança é explicada pela quebra da hierarquia nos interesses, os Estados Unidos, vendo que o comércio com a China seria interessante, passou por cima dos problemas anteriores a 1978 e abriu um relacionamento com o governo chinês<sup>95</sup>.

Os Estados Unidos apesar da grande comoção mundial na questão de meio ambiente, mostra-se inflexível. Outro fator foi a invasão do Iraque. O modelo de Keohane e Nye falha nessa questão em relação aos Estados Unidos em dois pontos. O Protocolo de Kyoto que apesar dos anseios mundiais os Estados Unidos tomaram a decisão que era melhor para si, contrariando o modelo que mostrava que um Estado em uma interdependência pensaria mais na reação. O segundo foi a invasão do Iraque que contra a vontade da ONU os Estados Unidos invadiram o país, sem medo de sanções.

---

<sup>95</sup> SARFATI, Gilberto. *Teorias de Relações Internacionais*. São Paulo: Saraiva, 2005. p 166.

Keohane e Nye colocam que a institucionalização dos Estados tem de acontecer para que seja criado um ambiente de segurança e nivelamento entre os atores, onde as regras, policiariam as atividades e demarcariam suas expectativas. No caso dos Estados Unidos e China esse fator é evidente, os quais vem se institucionalizando cada vez mais.

Em um contexto de Interdependência Complexa os atores internacionais prefeririam recorrer às instituições ao invés da guerra, para resolver suas demandas, pois teriam certeza que, se julgadas justas, o outro ator seria punido. No relacionamento dos Estados Unidos com a China várias demandas foram levadas a ONU ou OMC, para que fossem resolvidas. O papel das instituições é cada vez mais importante. Entretanto elas não são perfeitas, um exemplo seria o caso da invasão do Iraque por parte dos Estados Unidos, onde a ONU ficou impotente.

A vulnerabilidade e sensibilidade são fatores importantes em um contexto de Interdependência Complexa. A vulnerabilidade é mais importante pois as alternativas que os Estados tem para responder a qualquer crise, pois essa capacidade seria uma geradora de poder.

Os Estados Unidos seriam sensíveis caso a China parasse de exportar para ele, mas não vulnerável, pois poderiam procurar outros nichos de produção e abastecimento. Já a China seria afetada com a saída das 7 mil empresas americanas de seu território, e mais, ela teria problemas pela saída do capital estrangeiro, pois sua economia é muito dependente da exportação e do capital estrangeiro. Entretanto os Estados Unidos se mostraram vulneráveis em relação a China devido ao déficit e a grande reserva em dólares e títulos do tesouro pertencentes ao governo chinês.

Como a habilidade de buscar alternativas seria uma fonte de poder, nesse caso o poder dos dois atores estaria de certa forma equilibrada, em um contexto de interdependência Complexa, esse equilíbrio é necessário pois a assimetria existe. Keohane e Nye mostram que a interdependência não é baseada somente em uma questão de compra e venda<sup>96</sup>, mas de ganhos para todos. No caso da relação entre Estados Unidos e a China os dois ganham e os dois perdem em algum ponto.

A mudança da agenda dos Estados passando do fator único que era a segurança e essa tendo o foco nas forças militares, para vários outros pontos. Um ponto muito importante hoje é a economia veio a se tornar o foco para muitos Estados. A China tem mantido o foco em sua economia, meio ambiente e direitos humanos, entretanto tem aumentado seus gastos com armamentos. Os Estados Unidos por sua vez têm mantido o foco na questão econômica, mas seus gastos com armamentos é o maior do mundo. Novas questões foram inseridas nas agendas estatais, mas a desconfiança parece viva, e apesar das instituições para darem segurança, os atores continuam se armando.

---

<sup>96</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989. p 8.

Segundo os autores Keohane e Nye,<sup>97</sup> as forças militares são cada vez menos importantes em um contexto de Interdependência Complexa. Apesar dessa afirmação a China e os Estados Unidos tem gasto cada vez mais em armamentos, aumentando a insegurança mundial. Em casos como o do Tibet, Iraque e a queda do avião espião americano em território chinês, vemos que a invasão ou simples ameaça é ainda um poderoso instrumento de coerção.

Vemos que o modelo do Keohane e Nye explica muitos fatores atuais, tais como o crescimento da institucionalização, o fenômeno da “aldeia global”, o foco em assuntos econômicos e ambientais, mas falha quando tenta prever a ação dos atores de maneira favorável ao desarmamento.

A relação entre os Estados Unidos e a China, tem sim muitos fatores de uma Interdependência Complexa, mas não poderia se afirmar incisivamente que cabem inteiramente no modelo dos autores Keohane e Nye.

As relações entre os Estados Unidos e China tem muito mais facetas do que as apresentadas nesse ensaio, por sua alta complexidade, envolvendo desde transações de grande porte as pessoais seria impossível contemplar todas essas variantes em sua totalidade. Várias ações dos atores não foram citadas assim como parte de suas historias, para que o foco do ensaio fosse mantido nas relações comerciais e políticas, onde instituições e a mudança de agenda, estariam envolvidas. A teoria da Interdependência Complexa não foi esgotada e nem mesmo apresentada como uma verdade máxima ou superior as outras teorias. Para manter um foco objetivo no motivo da pesquisa, debates entre escolas não foram abordados, porém em futuras pesquisas várias teorias poderiam ser aplicadas para melhor explicar certos comportamentos dos atores envolvidos. O Realismo seria adequado para explicar o crescimento dos investimentos na área bélica, o Construtivismo explicando os debates sociais, dentre outras. Em conjunto, as várias teorias existentes poderiam construir um modelo mais completo do cenário internacional atual, criando uma base mais fundamentada de previsibilidade das ações dos atores.

---

<sup>97</sup> KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. *Power and Interdependence*. 2ª ed. Harper's Coll, 1989.

## REFERÊNCIAS

ABIN. **Base de Dados**. Disponível em: < <http://www.abin.gov.br>>. Acesso em: 25 set.2008.

ARMY.MIL. **Base de Dados**. <<http://www.army.mil>>. Acesso em: 15 out. 2008.

BBC BRASIL.COM. **Base de Dados**. < <http://www.bbc.co.uk> >. Acesso em: 15 out. 2008.

BNDES. **Base de Dados**. <<http://www.bndes.gov.br>>. Acesso em 20 set. 2008.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DA CHINA. **Base de Dados**. <<http://www.embchina.org.br>>. Acesso em: 17 set. 2008.

ENGDAHL, William. **Crisis of the U.S. Dollar System**. Disponível em: < <http://www.globalresearch.ca/index.php?context=viewArticle&code=ENG20061014&articleId=3482> >. Acesso em: 25 ago. 2008.

FOLHAONLINE. **Base de Dados**. Disponível em: < <http://www.folha.uol.com.br>>. Acesso em: 20 set.2008.

Global Issues. **Base de Dados**. < <http://www.globalissues.org>>. Acesso em: 31 out. 2008.

ITD-PRESIDENCIAIS AMERICANAS 2008. **Base de Dados**. < <http://presidenciais2008.wordpress.com>>. Acesso em: 15 out. 2008.

KEOHANE, Robert O. e NYE, Joseph S. **Power and interdependence**. 2ª ed. Harper's Coll, 1989.

KINVER, Mark. **Base de Dados**. Disponível em: <<http://www.bbcbrasil.com>>. Acesso em: 5 set. 2008.

LIMA, Carolina Andressa. **Rumsfield Chega à China e Faz Alerta Quanto a Sua Expansão Militar**. Disponível em: < <http://www.puc.br>>. Acesso em: 18 set. 2008.

MAGALHÃES, Nuno S. **O Futuro do Nordeste Asiático: Realismo Tridimensional, Preferências e Estruturas**. Disponível em: <<http://www.ipri.pt/>>. Acesso em: 7 set. 2008.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. **Economia e Política do Desenvolvimento recente na China**. Revista de Economia Política, vol. 19, nº3 (75), julho-setembro/1999. Disponível em: <[www.iea.usp.br](http://www.iea.usp.br)>. Acesso em: 15 Ago. 2008.

NAVY.MIL. **Base de Dados**. <<http://www.navy.mil/swf/index.asp>> . Acesso em: 15 out. 2008.

O GLOBO/ Agência Brasil. **Base de Dados**. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia>>. Acesso em: 9 set.2008.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Base de Dados**. <<http://www.oecd.org>> . Acesso em: 16 set. 2008.

POLITICO. **Base de Dados**. Disponível em: <<http://www.politico.com/>>. Acesso em: 7 set. 2008.

RENDER, Marcelo. **Analistas Vêm Virada Brusca no Cenário**. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em: 8 set.2008.

SARFATI, Gilberto. **Teorias de Relações Internacionais**. São Paulo: Saraiva, 2005.

THE OFFICE OF TIBET, NEW YORK. **Base de Dados**. Disponível em: <<http://www.tibet.net/en/index.php>>. Acesso em: 9 set. 2008.

UNITED NATIONS. **Base de dados**. Disponível em: <<http://www.un.org>>, Acesso em: 16 set.2008.

UNCOMTRADE. **Base de dados**. Disponível em: <<http://comtrade.un.org>>. Acesso em: 15 set.2008.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Base de Dados**. <<http://www.usda.gov>>. Acesso em: 15 set. 2008.

U.S.AIR FORCE'S CENTRAL. **Base de Dados**. <<http://www.centaf.af.mil>>. Acesso em: 15 out.2008.

WORLD TRADE ORGANIZATION. **Base de dados**. <<http://www.wto.org/>>. Acesso em: 14 out.2008.